

9º ENCONTRO ESPÍRITA SOBRE JOANNA DE ÂNGELIS

A CONSCIÊNCIA DE DEUS

Seção III: A Renovação em Nós

OBJETIVO:

Dando continuidade aos temas abordados durante os encontros anteriores (primeiro o pensamento e sua ação seguido pela estrutura da mente, origem deste pensamento), o 9º EEJA buscará apresentar a necessidade da renovação. Para esta finalidade, estudará a concepção de Deus e seus desígnios. Pretende-se demonstrar que, mesmo com toda a limitação atual de conhecimento sobre estes temas, a sua influência no espírito é de grande importância e, baseado nestes conceitos, demonstrar que a renovação conduzirá a níveis mais avançados de consciência e de bem estar pessoal e coletivo.

Basicamente, tentar-se-á estudar a missão de ser co-criador com Deus na tentativa de se descobrir como ser imortal e entender o processo da evolução – um ensaio para se tornar um “ser noético”.

1 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Quando se pretende estudar qualquer tema relacionado com Deus será sempre necessário, primeiramente, buscar uma melhor compreensão possível sobre a sua natureza. Por este motivo, Kardec [1], diante de um veio infinito de conhecimento que se descortinava a sua frente, pergunta sobre a natureza da divindade:

Questão 1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária (ou primeira) de todas as coisas”.

Decorre da resposta apresentada que tudo, além de Deus, somente existe por causa única e exclusivamente do próprio Deus. Portanto, quando analisamos qualquer coisa (o próprio universo com sua infinidade de mundos e sóis, por exemplo) ou ser (encarnado ou desencarnado, vegetal ou animal, em qualquer estágio de desenvolvimento) deve sua existência a Deus que pré-existe a tudo e todos. Contudo, uma importante distinção deve ser feita: Deus é causa primária de todas as coisas, mas isto não significa que tudo seja obra direta Dele.

Para exemplificar o conceito acima, tomemos o exemplo de uma família, constituída de pai, mãe, um filho de dois anos e outro de quinze, em visita a parentes ou amigos. A criança inadvertidamente quebra um objeto qualquer na residência que visitavam. Analisando a situação, pode-se dizer que o objeto foi quebrado por causa dos pais, pois estes conceberam a criança e a levaram até a residência em questão, porém não o quebraram diretamente.

Imaginemos, agora, duas outras situações: a) a criança pega um objeto e o atira ao chão e; b) o jovem pega um objeto e o atira ao chão. Em ambos os casos a ação é intencional.

Verifica-se que um pai adequadamente equilibrado emocionalmente não repreenderia a criança e o jovem com igual intensidade, pois, o que seria apenas um discernimento ainda embrionário para um, necessitando de ensinamento amoroso, seria desajuste comportamental

para outro, necessitando de auxílio mais intenso. Portanto, para uma mesma ação as conseqüências variam de acordo com o grau de desenvolvimento daquele que a comete.

Sendo Deus a inteligência suprema, pode-se imaginar que também teria condições infinitamente superiores a qualquer um para conduzir o processo educativo de seus filhos, os espíritos, sabendo previamente todos as possibilidades de comportamento, isto é, todos os equívocos e acertos em todos os estados evolutivos. O mais importante a considerar é que não esperaria nada que estivesse acima da capacidade de cada um, portanto, o processo educativo aplicado sempre seria individual e estaria em acordo com o entendimento de cada um.

Desta forma, sendo único, somente poderá haver uma Lei de Deus e que, por ser de origem divina, deverá contemplar todas as condições evolutivas dos espíritos. Deus, sendo a inteligência suprema e bondade absoluta sabe previamente os equívocos que seus “filhos” podem cometer. Se até os pais biológicos tentam orientar e educar seus filhos, pois sabem dos enganos que podem cometer, imagina Deus.

Por “Lei de Amor” deve-se entender o amor de Deus para com seus filhos que, sendo imenso, educa e orienta por saber dos possíveis enganos que poderão cometer. Portanto, não é punitiva, mas educativa. Não é preciso sofrer para reparar faltas, mas compreender quando se comete uma falta para consigo próprio e com os semelhantes, sem privilégios ou regalias por se considerar melhor do que os outros perante os “olhos” de Deus.

Portanto, conclui-se que ninguém se afasta da Lei de Deus por esta ser única e todos estarem imersos nela. Afinal, como consta na questão 621 de O Livro dos Espíritos [1], a lei de Deus está escrita na consciência. A Lei, devido a sua origem Divina, é perfeita, os enganos cometidos ao explicá-las são decorrentes da análise sob a ótica humana.

2 – A GÊNESE

Muita da dificuldade encontrada no entendimento e na busca de Deus se deve ao pouco entendimento do que realmente Ele é. Kardec [2, Cap. II, item 8] diz que “sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da criação” e diz ainda que o motivo pelo qual muitas crenças tenham se equivocado em seus ensinamentos é devido a interpretação errônea da divindade. Apesar de todas as dificuldades que ainda encontramos no nível evolutivo atual da humanidade, é possível desenvolver um raciocínio lógico no intuito de aumentar a percepção de Deus através do aprimoramento do entendimento pessoal a este respeito.

Neste aprimoramento do conhecimento é necessária a compreensão da obra da Criação. O homem, desde tempos imemoriais caminhando no processo de aprendizagem das forças que regem a matéria, costumava atribuir a deuses aquilo que lhe era incompreensível. Considerando que os integrantes da humanidade continuam, a bem dizer, os mesmos nas diferentes encarnações, este tipo de pensamento ainda permeia a mente da atualidade que ainda não elevou o pensamento para vislumbrar uma idéia da divindade com maior exatidão.

Por este motivo, e tantos outros, ainda existe uma grande confusão entre a Criação com “C” maiúsculo e a criação com “c” minúsculo. Por “Criação” entende-se toda obra em que Deus opera diretamente, enquanto que por “criação” entende-se toda a obra operada pelos seres inteligentes da Criação, isto é, os espíritos. André Luiz [3, Primeira Parte, Cap. 1] define esta idéia como “Criação” e “co-criação”, isto é, Deus cria, enquanto o espírito, atuando sobre o que foi criado previamente, co-cria. A co-criação é temporária, tem um tempo de vida útil que dependerá do grau evolutivo do espírito atuante, enquanto que a Criação transcende o tempo.

A providência divina é a solicitude de Deus para com as suas criaturas e, sendo obra da Criação, é perfeita. Por este motivo, deve-se considerar que não haja necessidade de que a providência seja compartimentada e, dependendo do grau evolutivo ou da situação, esta ou aquela “providência” seja aplicada, o que deixaria de ser perfeita. Portanto, sendo única, deverá suprir todas as necessidades do espírito em qualquer nível evolutivo que se encontre. Afinal, “Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo as coisas mais mínimas” [2, Cap. II, item 20].

Sob este prisma, o que seriam o bem e o mal?

Considerando a escala espírita apresentada no O Livro dos Espíritos [1, Parte II, Cap. 1], apreende-se que a humanidade encarnada e desencarnada ligadas ao planeta Terra ainda são pertencentes à Terceira Ordem: Espíritos Imperfeitos. Apresentam, por serem imperfeitos, algumas características que precisam ser consideradas: a) ignorância, orgulho e egoísmo e todas as paixões que lhe são conseqüentes e; b) têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Em decorrência do grau evolutivo, a humanidade ainda se utiliza da Lei da Destruição que, segundo O Livro dos Espíritos [1], tem a finalidade de propiciar ou incentivar a liberdade e o progresso (questão 744) e que a escravização temporária faz com que os povos progridam mais depressa (questão 744 a). Portanto, inclusive algo tão repugnante como a guerra tem um fim providencial. Isto não significa que a providência estimule a guerra, mas, como os espíritos, devido as suas tendências em empregar mal o seu livre arbítrio, buscam a satisfação de suas tendências equivocadas, a providência, sendo perfeita, se utiliza deste comportamento equivocado para extrair algo de útil. O mal e o bem se confundem no sentido de que todo ato considerado mal terá um fim proveitoso.

As paixões foram e são uma necessidade para a evolução, porém, conforme esta evolução se processa, as paixões necessitam ser buriladas e aprimoradas para se adequarem a nova realidade do espírito. O que normalmente é considerado como “mal”, quando os homens teimam em permanecer na inércia de seu desenvolvimento, é quando alguns pendores não deveriam mais existir ou, pelo menos, terem diminuído de intensidade, ainda persistem em toda pujança.

O mal é, portanto, relativo e a responsabilidade é proporcional ao grau de desenvolvimento; as paixões têm suas raízes no instinto de conservação e que se encontram em toda pujança nos animais; todas as paixões têm uma utilidade providencial, visto que Deus não faz coisas inúteis ou nocivas. Enfim, no abuso é que reside o mal [2, Cap. III, item 10,11].

Quando se considera a idéia de “causa e efeito” ou “ação e reação” estaremos forçosamente atribuindo conseqüências a atitudes, sejam elas boas ou más. Nesta abordagem simplista poderão ocorrer equívocos no entendimento, infringindo, inclusive um grande ensinamento de Jesus: “Não julgueis, a fim de não serdes julgados”.

Jung, em seus estudos sobre a psique humana, percebeu que muitos acontecimentos não apresentavam uma correlação com causas observáveis, isto é, não era possível traçar uma série de acontecimentos que culminava em um acontecimento qualquer, porém apresentavam uma relação com estados psíquicos. Daí então, cunhou o termo “sincronicidade” para descrever fenômenos relacionados com os estados psíquicos [4].

Nos novos conceitos da Física, a consciência apresenta uma grande importância nos processos que envolvem os fenômenos físicos, em outras palavras, os fenômenos não ocorrem independente do observador, mas dependem deste, que deixa de ser um mero espectador para intervir no processo apenas através da sua existência [5].

Na abordagem de considerar que as conseqüências estarão relacionadas com o processo mental no momento da ação, isto é, mente e efeito, os processos mentais é que deverão estar em acordo com a Lei. Afinal, não é necessária uma ação qualquer para “infringir a Lei”.

Deve-se julgar atos, os próprios e os alheios, para verificar se é conveniente ou não, porém não julgar aqueles que os cometem, pois não se tem meios de saber o que lhes passava pela mente naquele momento. Se somente os atos fossem válidos, como ficaria a viúva na passagem intitulada “O óbolo da viúva”?

Em resumo:

- Causa e efeito
 - Implica em um determinismo: mesmo efeito para uma causa.
- Ação e reação
 - Também o determinismo: uma reação para cada ação.
- Mente e efeito
 - Não existe uma consequência definida para uma causa ou ação, pois dependerá da intenção, o que varia de indivíduo para indivíduo.

3 – TEOFANIA

Segundo o dicionário [6], a palavra “teofania” significa a manifestação de Deus em algum lugar, acontecimento ou pessoa. Portanto, quando se deseja a compreensão da consciência divina visando à renovação íntima é necessário ao menos a idéia de onde Deus se encontra, figurativamente falando, ou se manifesta para ir ao seu encontro e, nesta caminhada, promover a transformação pessoal.

Joanna de Ângelis, no texto Teofania [7], fala sobre a busca de Deus e onde encontrar o que se procura, ilustrando a dissertação com citações do filósofo conhecido como Santo Agostinho.

Em Confissões [8, Livro X, Cap. 6] Santo Agostinho apresenta sua busca de forma muito bela é poética:

Perguntei-o à terra e disse-me: “Eu não sou”. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-O acima de nós”. Perguntei aos ventos que sopram e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: “Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus”. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: “Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d’Ele”. E exclamaram com alarido: “Foi ele quem nos criou”.

Santo Agostinho deixa claro que muitas vezes procuramos por Deus em lugares que Ele não está ou não é. Comparando este segmento de texto com a idéia de fluido e da ação do pensamento e sua possibilidade, verifica-se o universo conhecido sendo obra da co-criação, com tudo de material que nele existe.

Esta idéia fica mais clara quando Joanna de Ângelis diz [7]:

Todavia, logicando quanto à realidade dos efeitos que pode constatar, de imediato lhe ocorrem as causas que os produzem, verificando que estas por sua vez são efeitos de outras mais remotas, a se perderem além da dimensão atual do entendimento humano.

Em a natureza encontramos a obra de Deus e a imanência d'Ele manifestada em todas as coisas.

Imanência e transcendência do Criador próximo e remoto.

O universo conhecido e tudo o mais de material que nele se encontra e que é observado na Terra, por exemplo, é transcendente na medida em que é resultado de algo muito mais elevado do que se tem conhecimento ou que seja possível de ser feito pelo conhecimento atual, portanto, de origem superior. Contudo, é imanente por ser Deus a causa primária de todas as coisas, porém de ação indireta, a co-criação é decorrente da intervenção de outros seres que, por assim dizer, são a manifestação direta d'Ele.

No prefácio do livro *Psicologia e Religião* [9, prefácio] consta que Jung, em uma entrevista a televisão inglesa, foi questionado sobre sua crença em Deus. Diante desta pergunta ele respondeu: “Eu não acredito, eu sei”.

O texto segue relatando um outro caso similar ocorrido com um entomologista, que seria a pessoa dedicada ao estudo dos insetos, que demonstrou sua relação com um Ser Supremo pelas seguintes palavras: “Não acredito em Deus: eu o vejo.”

Diante destes dois exemplos não podemos nos furtar de analisar as principais características destes homens e suas convicções.

Uma conclusão a que se pode chegar, como também consta no texto, é que ambos apresentam a similaridade de dedicarem suas vidas ao estudo científico e, através de suas investigações, chegaram à mesma conclusão com relação à existência de um Deus. Ponto muito interessante é que um deles estudava o psiquismo humano enquanto que o outro se detinha ao instinto dos insetos que, em ambos os casos se expressam através do comportamento. Talvez, sob uma conotação mais ampla, poderíamos até substituir o termo “instinto dos insetos” por “psiquismo dos insetos”, obviamente que não tão desenvolvido e apurado quanto o humano, mas não deixaria de sê-lo em forma rudimentar.

Quais seriam as similaridades entre o comportamento de espécies tão distantes, evolutivamente falando, capaz de conduzir à mesma conclusão?

Responder a esta questão não é muito simples. Qualquer explicação lógica não corresponderia aos anseios daquele que a recebe, pois a existência de Deus não pode ser verbalizada, é preciso se vivenciada.

Citando novamente as palavras do filósofo Santo Agostinho, diz ele [7]:

Eu te procurava lá fora - e eis que tu estavas dentro de mim!

Portanto, é no espírito, isto é, dentro de cada um, que se deve procurar e observar a teofania.

4 – CRIAÇÃO DO ESPÍRITO

A criação do espírito e a sua constituição íntima podem ser assuntos considerados como estando acima da capacidade atual de entendimento, todavia, mesmo assim, é possível abordá-los baseando-se em informação disponível na Codificação e formar uma idéia a respeito.

Na questão 81 de *O Livro dos Espíritos* [1], Kardec pergunta se os espíritos são formados espontaneamente ou procedem uns dos outros. Obtém como resposta que *Deus os*

cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.

Por esta resposta, observa-se que, apesar de ainda ser um mistério, é informado que os espíritos são criações de Deus, por mais geral que possa ser, não deixa de ser uma idéia sobre a origem dos seres inteligentes da criação. Com esta assertiva fica claro que o espírito não surge do nada, não é um processo espontâneo, a sua origem está atrelada à vontade de alguém ou alguma coisa, isto é, de Deus.

Recorrendo novamente ao O Livro dos Espíritos [1], pois este é o ponto de partida para qualquer estudo relativo ao Espiritismo, encontra-se várias citações a respeito da natureza íntima do espírito. A resposta obtida na questão 23a merece destaque: *Não é fácil analisar o Espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.*

Percebe-se, pelo que foi apresentado no parágrafo anterior, que os espíritos são formados por alguma “coisa”, possuem uma constituição sem, todavia, apresentarem maiores esclarecimentos sobre a natureza desta “coisa”. Graças à mente perspicaz de Kardec, que durante todo o seu trabalho na Doutrina manteve-se sempre atento a possíveis lacunas nos ensinamentos, prossegue, na questão 27, com sua perquirição sobre o assunto [1]:

Questão 27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito?

“Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.”

Esta resposta pode ser dividida em diferentes partes e analisadas separadamente.

Na parte inicial fica claro que existem apenas três constituintes no universo, denominada de trindade universal. Até então, não resta dúvidas que Deus, espírito e matéria são estes constituintes.

No entanto, logo em seguida é dito que ao elemento material se tem que juntar o fluido universal (ou fluido cósmico), conclui-se que até este momento não haviam incluído o fluido universal como matéria aos constituintes do universo.

Dando continuidade a resposta, ponderam que de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo (o fluido cósmico) com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Verifica-se que, apesar do fluido cósmico apresentar características da matéria, possui propriedades outras que não são materiais. É claro que por “matéria” não está apenas sendo considerado a matéria densa conhecida, mas, também, em diferentes densidades.

Outra afirmação muito interessante e que merece toda a atenção é que se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o

fosse. Sob este prisma, se for afirmado que fluido cósmico é matéria, então também se deve afirmar que espírito é matéria.

Conclui-se que o espírito é formado por fluido cósmico ou “algo” similar. Como a existência de duas substâncias, o termo “substâncias” foi utilizado apenas pela limitação do vocabulário, uma para formar matéria e outra para formar espíritos, na visão ainda muito estreita comum ao planeta, seria desnecessário e, mesmo que existissem, no ponto de vista considerado e até onde se pode alcançar, seriam equivalentes. Desta forma, pode-se considerar apenas uma única substância tanto para formar a matéria conhecida quanto os espíritos, isto é, o fluido cósmico.

Um equívoco muito comum entre os adeptos do Espiritismo é considerar o fluido cósmico como matéria e o espírito como sendo imaterial, apesar de ficar claro, na questão 82 [1], que *imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.*

Diante do que foi exposto, verifica-se que uma consideração errônea sobre a natureza tanto do fluido cósmico quanto do espírito gera uma discordância que, conseqüentemente, dificulta o entendimento destas questões.

Seguindo com o estudo para melhor compreender o fluido cósmico, André Luiz [3, Primeira Parte, Cap. 1] apresenta uma definição que torna um pouco mais claro a sua natureza diferente de matéria. Diz que o fluido *cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio*. Nesta definição, o fluido cósmico é apresentado como algo muito próximo da divindade, estando de alguma forma tão próximo que como que faz parte Dele (ao se referir como “força nervosa”).

Ainda sob o mesmo raciocínio, podemos entender quando o próprio André Luiz [3, Primeira Parte, Cap. 1] diz que *identificando o Fluido Elementar ou Hálito Divino por base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo...*, e quando diz que *nos fundamentos da Criação vibra o pensamento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura...*

Ainda no mesmo livro, André Luiz [3, Primeira Parte, Cap. 1] diz que o espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de toda a eternidade, referindo-se ao trabalho dos espíritos superiores, enfatizando apresentarem um grau de evolução tão elevado que se encontram em íntima comunhão com o Pai. São espíritos que trabalham na construção e manutenção dos corpos celestes do Universo que, como o próprio André Luiz se refere, é realizada através da ação dos corpúsculos sob irradiação da mente, similar as ondas eletromagnéticas, agindo no fluido para transformá-lo na matéria conhecida na Terra.

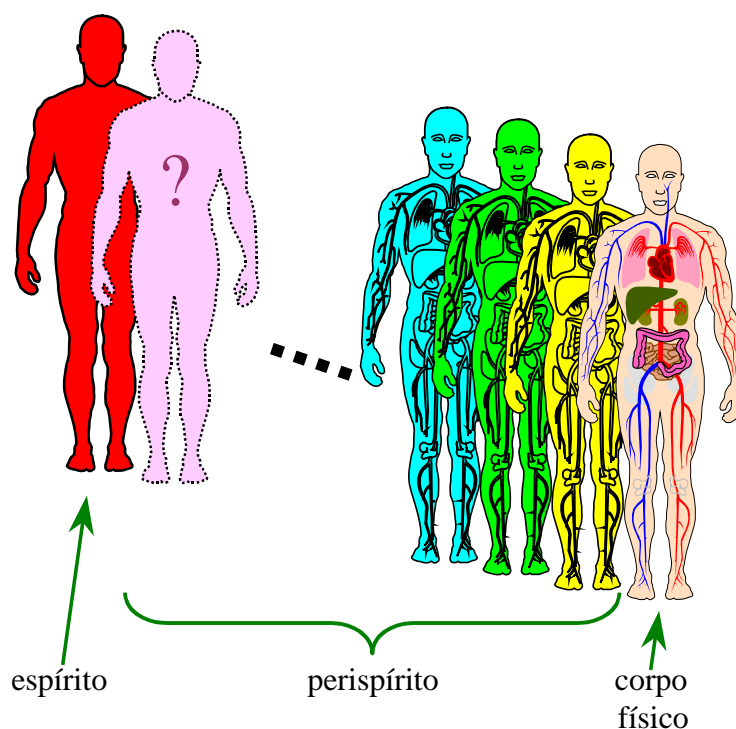
Esses aglomerados de matéria, com o tempo, sob a pressão constante a que estão submetidas para se manterem aglutinadas, sofrem o colapso atômico e se transformam em astros cadaverizados que, através do processo de desintegração, voltam à sua origem para, depois, servir como matéria prima para a construção de novas moradias celestes prontas para serem habitadas.

Poder-se-ia dizer, com base em tudo o que foi apresentado, que o espírito criado é capaz, com o poder mental, apenas de criações temporárias, utilizando o fluido em seus diversos graus de densidade, cujas dimensões e duração dependerão exclusivamente do grau evolutivo do espírito que as criou. Porém, Deus, sendo a causa primária de todas as coisas, é capaz de criar obras que transcendem ao tempo, espíritos imortais, seus filhos.

Portanto, das características materiais do fluido cósmico, é criado o princípio material e das propriedades especiais, é criado o princípio inteligente verificando-se, assim, uma continuidade entre espírito e a matéria que constituirá seu perispírito e corpo físico.

5 – CO-CRIAÇÃO DO PERISPÍRITO

Sendo o corpo físico, cujos órgãos foram construídos com lentidão, reflexo do perispírito, então, todos os órgãos encontrados no corpo físico, que é o último envoltório do espírito, estão presentes também nas camadas mais sutis. Em outras palavras, existem órgãos (coração, pulmões, estômago, etc.) no perispírito. Esta correlação está representada na figura a seguir:



No entanto, sabemos que o corpo é formado por células. Para se tentar compreender como ocorre a organização celular é preciso remontar à estrutura do perispírito. Consultando a obra *Evolução em Dois Mundos* [3, Primeira Parte, Cap. 2], André Luiz diz que o corpo físico reflete o corpo espiritual que, por sua vez, reflete o corpo mental, detentor da forma. Em outras palavras, o Espírito elabora lentamente, através das inúmeras experiências, desde o início da sua existência, na condição de simples e ignorante, a sua forma, guardando todo o acervo no corpo mental e este, por sua vez, é o agente que transferirá toda a informação necessária para a formação do corpo espiritual, informação esta que é completa em seus mínimos detalhes de conformação. Com o corpo espiritual completo, servirá de molde para a matéria densa.

Ainda no mesmo livro, tem-se que durante o transcurso das suas existências, o Espírito “aprende” a dominar as células vivas, princípios inteligentes de feição ainda muito rudimentar que, quando sob o comando de princípios inteligentes em estágios superiores de evolução, servem de modo organizado na grande estrutura orgânica, que é o corpo físico .

De tudo o que foi apresentado, conclui-se que as células recebem o comando do espírito para se comportarem como máquinas diminutas compondo uma máquina muito

maior, isto é, recebem a informação necessária para se especializarem atuando de acordo com a necessidade do órgão do qual são partes integrantes.

Joanna de Ângelis [10, pg 42], coloca com extrema clareza que as patologias estão diretamente relacionadas com o estado mental do Espírito ao dizer: *Sendo, a criatura humana, constituída pela energia que o espírito envia a todos os departamentos materiais e equipamentos nervosos, qualquer distonia que a perturbe abre campo para a irrupção de doenças, a manifestação de distúrbios, que levam aos vários desconcertos patológicos, conhecidos como enfermidades.*

Joanna de Ângelis [10] lista, ainda, vários dos fatores que causam o desequilíbrio neste fluxo de energia, ou seja, sentimentos comuns no nível evolutivo das criaturas viventes neste mundo de expiação e provas. Dentre os exemplos, encontram-se: o amor desenfreado e possessivo, quando os participantes se entregam aos desejos, é apresentado como grande demolidor das estruturas celulares; a angústia é apresentada como semelhante à densa carga tóxica que se aspira lentamente; o rancor é apresentado como produtor de ácidos destruidores que consomem a energia vital e abrem espaços intercelulares para a distonia e a instalação de doenças; e, finalmente, o ódio é apresentado como tóxico fulminante no oxigênio da saúde mental e física e seu poder tóxico é explicado como agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte, são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo, circulatório. Responsáveis por cânceres físicos são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida e o mundo.

Devido aos sentimentos menos nobres e as transgressões que todos cometem durante suas várias existências, o corpo mental, seguindo a relação mente e efeito, imprime ao corpo espiritual “pontos obscuros”. Em determinado momento da vida, esses pontos eclodem, dificultando a comunicação entre o espírito e as células, o que irá propiciar uma degeneração comportamental. Dependendo da gravidade destes pontos obscuros, dependerá também a gravidade da degeneração celular.

Nesta correspondência entre os órgãos físicos e perispirituais que, como apresentado anteriormente, são os mesmos, apenas diferindo no grau de densidade que se expresse em determinado momento, lesando um deles, conseqüentemente, todos os outros estarão igualmente lesionados.

6 – A PSIQUE

A Doutrina Espírita abrange todos os aspectos da vida humana, estendendo seus tentáculos em todas as direções. Assim, muitas vezes se torna necessário o aprofundamento em assuntos que, ao observador desatento, pode parecer que não tenha uma ligação direta.

C. G. Jung, conhecido como o Pai da Psicologia Analítica, ao longo dos seus anos pesquisando o psiquismo humano, chega a conclusões muito interessantes com relação ao Espiritismo.

No livro *A Natureza da Psique* [11, pg. 257], diz que:

O Espiritismo enquanto fenômeno coletivo persegue, portanto, os mesmos fins que a Psicologia médica, e, deste modo, produz, como bem indicam suas manifestações mais recentes, as mesmas idéias básicas – ainda que sob o rótulo de ‘ensinamentos dos espíritos’ – que são características da natureza do inconsciente.

Observei, repetidamente, os efeitos telepáticos de complexos inconscientes, e também uma série de fenômenos parapsicológicos. Mas não posso ver em tudo isto uma prova da existência de espíritos reais; e até que surja uma prova irrefutável, devemos considerar o domínio destes fenômenos como um capítulo à parte da Psicologia.

Após haver recolhido experiências psicológicas de muitas pessoas e de muitos países, durante meio século, já não me sinto tão seguro como no ano de 1919, quando escrevi esta afirmação. Muitas vezes não me acanho de confessar que duvido de que uma abordagem e análise exclusivamente psicológicas façam justiça aos fenômenos em questão.

Dia, ainda, que [11, Prefácio]:

Em sua compreensão mais profunda, a Psicologia é autoconhecimento.

Temos motivos suficientes para admitir que o homem em geral tem uma profunda aversão ao conhecer alguma coisa a mais sobre si mesmo, e que é aí que se encontra a verdadeira causa de não haver avanço e melhoramento interior, ao contrário do progresso exterior.

...a questão universal: De que maneira podemos confrontar-nos com o inconsciente. Esta é a questão colocada ... de modo particular pelo Budismo... Indiretamente é a questão fundamental na prática de todas as religiões.

Por este motivo é que Joanna de Ângelis, em suas obras, aborda o conhecimento científico com grande frequência. No livro Triunfo Pessoal [12] ela analisa o comportamento humano à luz da teoria junguiana, tecendo comentários e fazendo ajustes sob a ótica espírita, demonstrando a clareza de idéias de Jung com relação aos processos que envolvem o ser humano como ser essencialmente espiritual. A lucidez de Jung é facilmente verificada através dos seguimentos de texto apresentados anteriormente.

A psicologia junguiana é uma ponte entre a ciência acadêmica e a ciência espírita que não deve, em hipótese alguma, ser ignorada pelos espíritas. Contudo, seus conceitos devem ser empregados da forma mais correta possível para não criar o estigma de que idéias científicas são adulteradas para acomodar idéias outras, correndo o risco de qualquer apresentação bem estruturada cair em descrédito preconcebido.

Jung, no livro Psicologia e Religião [9, Pg. 89], compara a psique humana com uma ilha cercada pelo oceano. A ilha representaria o consciente, enquanto que o oceano representaria o inconsciente. Apresenta, ainda, uma visão energética da psique que seria compartimentada em três regiões principais, a saber: consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

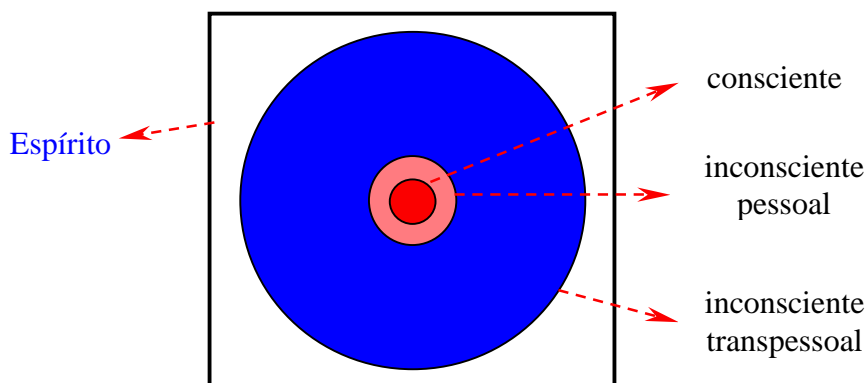
Pode-se dizer que o consciente seria a região de acesso direto pelo espírito enquanto encarnado e em estado de vigília, isto é, o material que permearia o cérebro, tendo condições de ser reconhecido e analisado, podendo ser explicado e equacionado racionalmente pelo indivíduo.

No inconsciente pessoal estariam armazenados os acontecimentos que não alcançaram ou que não permaneceram no consciente.

A idéia de um inconsciente coletivo surgiu ao observar pacientes que apresentavam manifestações psíquicas correlacionadas com acontecimentos específicos ocorridos em épocas e locais diversos, além do conhecimento do indivíduo em questão. Tais fenômenos, sob uma ótica não reencarnacionista, somente poderiam conduzir à idéia de que a informação sobre todas as ocorrências da humanidade, em todos os tempos, seria passível de ser acessada.

Esta idéia sobre o inconsciente coletivo junguiano é comentada por Joanna de Angelis no livro *Triunfo Pessoal* [12, Pg. 23]. Ela diz que *Atravessando os diferentes períodos da humanidade, nos quais estive, arquivou, nos recessos do ser, todas as impressões que ora se encontram adormecidas e podem ser exteriorizadas pelo perispírito*, e completa dizendo que *A visão espírita, porém, a respeito de um arquivo extracerebral, formado por uma maquinaria energética centrada no Self ou Espírito, cujo campo de informações é infinito...*

Uma representação gráfica da psique segundo a definição de Joanna de Ângelis para o inconsciente coletivo está apresentada a seguir:

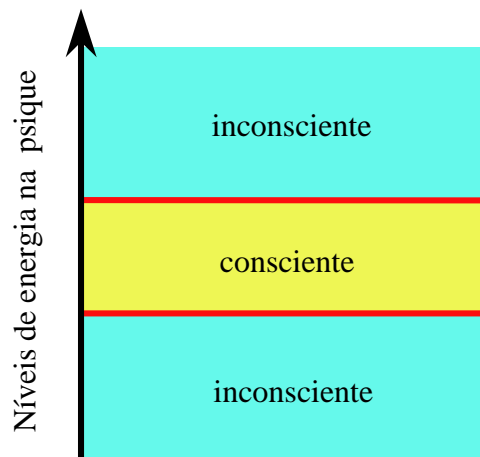


Pode-se compreender que, sendo uma estrutura energética, a região relativa ao consciente estaria determinada por questões também energéticas. Portanto, Jung postula a existência de limiares de energia, tanto inferior quanto superior, para o consciente.

Conteúdos inconscientes abaixo do limite inferior não teria energia suficiente para ser conduzido ao consciente, enquanto que os conteúdos acima do limite superior, apesar de possuírem energia suficiente para serem conscientizados, Jung diz que a consciência não pode percebê-lo por falta de compreensão e postula a existência de um sujeito secundário capaz de tratar com este conteúdo mais energético.

Contudo, apesar da impossibilidade de uma apercepção de conteúdos acima do limiar superior, o sujeito secundário atua sobre a consciência de maneira indireta, isto é, através de símbolos [11, Pg. 114].

A seguir é apresentada uma representação esquemática dos limiares da consciência:



Diante do exposto e considerando a questão 621 do O Livro dos Espíritos [1] que diz que a lei de Deus está inscrita na consciência que, devido a sua origem, deva ter alta carga energética e, por este motivo, pode-se considerar que esteja na região de maior energia, é possível supor que o processo psíquico relativo à lei de Deus esteja situado na região mais energética que, embora não conscientizado, exerce uma influência no consciente.

Isto significa que a consciência de Deus está presente em todos, porém não seria possível a sua percepção direta pelo simples motivo da impossibilidade da compreensão por parte da mente humana comum. Contudo, todos recebem a influência indireta desta lei e, com isso, ninguém pode clamar por ignorância completa.

Assim, a idéia equivocada de se “afastar da lei” representa, numa abordagem mais adequada, que o espírito, seja ele quem for, recebe a influência da lei, porém sempre em acordo com seu entendimento, que significa grau evolutivo. Esta influência determinará o discernimento entre o certo e o errado, também em acordo com o grau evolutivo. Portanto, de antemão, o indivíduo sabe o quanto de responsabilidade lhe cabe em seus atos, assim, quando age em não conformidade com que tem noção, ele mesmo buscará, mesmo que inconscientemente, pelo recurso educativo necessário, o que estará sempre em concordância com seu grau de discernimento.

7 – A RENOVAÇÃO EM NÓS

Duas citações de Jung retiradas do livro A Natureza da Psique auxiliam na compreensão da função do Espiritismo e, conseqüentemente, dos divulgadores e espíritas, que são:

Na prática é o médico adequadamente treinado que faz de função transcendente para o paciente, isto é, ajuda o paciente a unir a consciência e o inconsciente.[11, pg 6]

O Espiritismo enquanto fenômeno coletivo persegue, portanto, os mesmos fins que a Psicologia Médica. [11, Pg. 257]

Diante do que foi apresentado, pode-se chegar às seguintes conclusões:

- O Espiritismo nos auxilia a entender a Lei de Deus que nos impulsiona à evolução.
- Os divulgadores servem de ferramenta para o trabalho de esclarecimento e explicação dos conceitos espíritas, portanto, a responsabilidade é grande, requerendo preparação adequada para a tarefa.
- Os espíritas deverão buscar o melhor entendimento possível, através do estudo constante das obras espíritas e ampliação do conhecimento geral. Diante da grande quantidade de livros “espíritas” disponíveis, é necessário usar o discernimento para bem distinguir entre o útil e o inútil. A compreensão adequada da realidade como espíritos conduzirá ao comportamento também adequado, dando ensejo para encontrar Deus dentro de nós mesmos.

Bibliografia

1. Kardec, Allan; “O Livro dos Espíritos”; 76^a edição, FEB, 1995
2. _____; “A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo”; 36^a edição, FEB, 1995.
3. André Luiz; “Evolução em Dois Mundos” (Psicografia de F. C. Xavier.); 15^a edição, FEB, 1997.
4. Jung, C. G.; A Energia Psíquica; Editora Vozes.
5. Erwin Schrödinger; “O Que é a Vida – Mente e Matéria”; Editora Unesp.
6. Dicionário Aurélio.
7. Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Lampadário Espírita; Livraria Espírita Alvorada Editora.
8. Santo Agostinho; Confissões.
9. Jung, C. G.; Psicologia e Religião; Editora Vozes.
10. Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); O Ser Consciente; Livraria Espírita Alvorada Editora.
11. Jung, C. G.; A Natureza da Psique; Editora Vozes.
12. Joanna de Ângelis (Psicografia de Divaldo Franco); Triunfo Pessoal; Livraria Espírita Alvorada Editora.